



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da carteira de trabalho de número 5 mil da empresa Perdigão

Rio Verde-GO, 05 de maio de 2004

Meu querido companheiro e governador do estado de Goiás, Marconi Perillo,

Meu caro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,

Meu caro Ricardo Berzoini,

Meu caro Nildemar, presidente da Perdigão,

Meu caro Maguito Vilela, senador da República,

Meu caro ex-governador, ex-senador, ex-ministro Iris Rezende,

Meu caro Pedro Wilson, prefeito de Goiânia,

Meu caro Paulo Roberto Cunha, prefeito de Rio Verde,

Demais Prefeitos presentes a este ato,

Secretários de Estado,

Vereadores,

Deputados estaduais,

Deputados federais,

Companheiros representantes dos Fundos de Pensão, aqui presentes,

Meu companheiro Meneguelli, presidente do Conselho do SESI,

Eu não vou citar os nomes dos meus companheiros dos Fundos aqui, porque são muitos. Mas eu queria dizer aos companheiros dos Fundos que eu continuo com o otimismo, eu não diria exagerado, de que os Fundos possam cada vez mais investir em atividades para gerar novas oportunidades de emprego para o nosso país, sabendo que só podem investir em coisas muito certas, porque, no dia em que os participantes dos Fundos tiverem que receber as suas aposentadorias, vocês vão ter que ter o dinheiro para pagar a eles.



Então, é preciso investir bem, investir certo e repetir, quem sabe, dezenas de exemplos como este da Perdigão.

Queria cumprimentar as trabalhadoras, os trabalhadores da Perdigão,

Queria cumprimentar o artista Luiz Olinto, que criou este excepcional painel de homenagem a este dia,

Queria cumprimentar o Adevair Nicomendes Pereira, por ter tido a sua carteira registrada hoje,

Queria cumprimentar a nossa querida Leci Pereira dos Santos, a funcionária de nº 5.001.

Quando vi o Adevair e a Leci subirem aqui, eu fiquei imaginando a sensação que vocês estavam sentindo. O Adevair, não, porque já trabalhou em algum outro lugar; está apenas entrando em um novo emprego, tendo uma nova oportunidade. Mas eu fico imaginando a sensação de, num momento de tantas dificuldades para se conseguir emprego, o Adevair arrumar um emprego aqui, na Perdigão, numa fábrica que representa possibilidades excepcionais para o estado de Goiás, para esta região e para a cidade de Rio Verde.

E a Leci, porque não sei se é o primeiro emprego dela, mas a sensação do primeiro emprego eu acho que todos aqui já sentiram, em algum momento. Não sei nem se você vai poder ir com essa roupa para casa, porque parece-me que tem que se trocar no vestiário. Mas quando eu tive o meu primeiro emprego, Leci, eu tinha que andar da minha casa até a metalúrgica, a fábrica de parafusos Marte. Eu tinha que andar uns 1.500 metros. E quando eu coloquei o meu macacão, quando andei, eu levitei. Era uma sensação de prazer, uma sensação de conquista, uma sensação de que eu estava virando gente. Eu acho que foi um dos dias mais extraordinários da minha vida.

Eu fico imaginando o que vocês devem estar sentindo porque, afinal de contas, numa cidade do interior deste país, a gente nem sempre tem muita oportunidade de trabalhar quando a gente é jovem. E você está tendo a tua



primeira oportunidade, o teu primeiro emprego.

Eu espero que isso seja para você, o que foi para mim. Ou seja, uma coisa realmente prazerosa, uma coisa que você faça com vontade, que você goste de fazer, que te leve a dedicar, a aprender cada vez mais, para que você, daqui a 10 anos, seja uma pessoa muito mais importante dentro da empresa, e também de realização profissional.

Só espero que você não deixe de estudar, porque hoje o conhecimento, a formação profissional de um ser humano é condição básica para que o país possa crescer e para que a pessoa possa crescer na vida e construir a sua família com maior dignidade.

Por isso, eu quero desejar a você, Adevair, e a você, Leci, que Deus possa repetir para vocês, durante muitos e muitos anos, a alegria e o prazer que tiverem hoje ao ter a sua carteira profissional assinada.

Quero dizer ao povo de Rio Verde, ao povo de Goiás, ao nosso prefeito e ao nosso querido governador, que o que está acontecendo aqui, hoje, é uma conquista do Brasil e não somente uma conquista de Goiás ou de Rio Verde. Porque antes vocês produziam basicamente grãos e carnes, geravam empregos na região, mas o processamento, como disse o governador, era feito em outro estado.

A agregação de valores era feita fora do estado. Então, na verdade, os estados produtores ficavam com a menor parcela da riqueza produzida. Isso é muito sintomático no Brasil no caso do café, onde nós somos o maior produtor do mundo e quem vende o café preparado não é o Brasil, é a Alemanha, que não produz um grão de café. Então, ou nós construímos as fábricas aqui para vender café solúvel e colocamos valor agregado ou nós seremos apenas exportadores de produtos *in-natura*.

Quando vocês constroem uma agroindústria como esta, gerando possibilidades enormes de crescimento da economia na cidade e gerando riqueza, a gente percebe que a sensação de otimismo em toda a sociedade é



muito maior.

Eu fico imaginando vocês, jovens, quantas vezes pensaram: “Bom, quando eu crescer eu vou para que lugar trabalhar? Eu vou para Goiânia? Eu vou para São Paulo? Eu vou para Minas Gerais? Eu vou para o Rio de Janeiro?” Não! Vocês cresceram e estão tendo oportunidade de trabalho na terra natal de vocês, sem abdicar do convívio com a família, sem abdicar do convívio dos amigos ou das amigas.

E uma coisa importante que o presidente da Perdigão me disse é que a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras é contratada aqui, na região. Este é um fato extraordinário, porque em outros tempos, no Brasil, quando se abria uma fábrica nova numa cidade, 80% dos trabalhadores vinham de fora e os da cidade ficavam desempregados.

O avanço e a compreensão dos empresários brasileiros chegou a tal ponto que eles preferiram mandar um grupo de gente aqui, da região, se preparar no sul do país. Trouxeram 200 pessoas de fora, mas a grande maioria dos 5 mil são pessoas nascidas e formadas, aqui, na região.

Isso significa, governador, a consolidação da criação de um novo pólo, não apenas de criação de riqueza, mas um novo pólo de formação profissional para os milhões de brasileiros que tanto precisam de um emprego.

Eu queria dizer a vocês que essa questão do emprego é, para mim, uma obsessão, porque eu já fiquei desempregado um ano e pouco, numa crise profunda que teve no Brasil, na década de 60. E eu sei o que é um chefe de família ficar desempregado. Mas hoje me preocupa, sobretudo, não apenas o chefe de família, me preocupam os milhões de adolescentes deste país que, ao terminarem o ensino médio, não conseguem entrar numa universidade, porque não conseguem pagar uma mensalidade. E não conseguem uma oportunidade de emprego porque não têm uma formação profissional.

E me preocupa muito mais os grandes centros urbanos do país, em megalópoles como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador,



Recife, Fortaleza, grandes cidade com uma concentração de situações difíceis, de moradia, de saneamento, de emprego, de escola. Esses jovens estão perdendo a perspectiva de um futuro que, na nossa época, nós tínhamos, que na nossa adolescência, nós tínhamos. Duas coisas me alentam: a primeira, é a certeza de que a gente pode vencer essa dificuldade. A segunda, o que está acontecendo aqui, hoje, que foi motivo de uma grande reportagem num programa da Rede Globo de Televisão, para falar das regiões do país que estão dando certo. Porque está se apresentando um fenômeno novo para a sociedade.

O ministro Ricardo Berzoini me dizia que, entre janeiro e março, o número de empregos que aconteceram no Brasil, foram de 347 mil novos empregos. Dois terços fora das regiões metropolitanas, ou seja, nas cidades pequenas e médias do país.

É verdade que na década de 40, na década de 50, na década de 60 ou até na década de 70, brasileiros do Brasil inteiro saíam com as suas famílias e naquele tempo não tinha IBGE, não tinha Dieese para medir o desemprego. Mas a gente sabia que tinha desemprego lá, porque minha mãe quando pegou os oito filhos, os colocou num pau-de-arara para ir para São Paulo, é porque queria que os filhos arrumassem emprego. Então, nós não temos mais o fenômeno daquela época, quando milhões de pessoas deixavam os estados mais pobres para se dirigirem aos grandes centros urbanos. Nós, agora, corremos o risco de um fenômeno contrário. Muita gente começa a deixar os grandes centros urbanos para voltar à sua terra natal. E isso pode ser um bem extraordinário se a gente conseguir fazer com que o desenvolvimento regional acompanhe essa possível volta de muita gente que está nos grandes centros urbanos.

Eu dizia ao ministro do Trabalho, esses dias, que era preciso pesquisar quantas empresas deixaram cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro. As pessoas, sufocadas pelo trânsito, sufocadas pelas notícias de violência e pela



violência, sufocadas pelo ar muitas vezes contaminado, possivelmente estejam se mudando e é preciso que a gente leve em conta que as empresas não irão gerar mais os empregos que geravam na década de 60, ou pelo menos nos mesmos moldes, em função do avanço tecnológico que nós tivemos neste quase meio século.

Então, nós estamos preocupados com a questão do emprego e é por isso que nós estamos revendo a lei que aprovamos em outubro. Em outubro nós aprovamos uma lei em que a gente pedia para criar o primeiro emprego e ao mesmo tempo a gente criava, Nildemar, uma imposição para que o empregador não pudesse mandar um outro trabalhador embora.

Ora, o que aconteceu? Nós criamos a lei, mas como no Brasil tem lei que pega e tem lei que não pega, essa lei não pegou, por quê? Porque o empresário queria contratar o jovem, mas se ele tivesse que mandar alguém embora por conta da crise econômica, ele não podia. Então, nós estamos mandando agora para o Congresso Nacional uma mudança na lei.

Tomamos uma medida, Governador, que eu acho interessante, sobretudo para a juventude. Eu não estou preocupado apenas com o emprego da juventude, eu estou preocupado com uma coisa mais grave que está acontecendo com a juventude brasileira, nos grandes centros urbanos, sobretudo, que é a desagregação da estrutura social em que ele vive, da estrutura familiar, da perda de valores, da perda de referências. E se nós não cuidarmos disso, nós não saberemos o futuro desse jovem amanhã.

Por isso, nós tomamos uma decisão de fazer com que as Forças Armadas Brasileiras, em vez de contratar 50 mil jovens para se transformarem em soldados, vai contratar 100 mil, dos quais 50 mil nas regiões metropolitanas, nas áreas de risco deste país, para que essa pessoa não apenas ganhe noções de cidadania, mas também aprenda uma profissão nas dependências dos quartéis brasileiros. Estamos pensando em colocar mais 100 mil para fazer curso de seis meses e eu espero que o Sesi, Sebrae, Sesc e



Senai dêem a sua contribuição para que a gente tire esses jovens da área de risco em que eles se encontram e destaque para ele a possibilidade de que há um mundo a ser conquistado e que vai depender um pouco da sua disposição, vai depender um pouco da sua vontade e dos nossos compromissos.

Quando assumi a Presidência da República, eu sabia das dificuldades que iria ter e, em nenhum momento, eu parei para lamentar as coisas que faltavam. Até porque, na minha vida, nunca tive absolutamente nada fácil. Toda conquista foi com muito suor, lágrima e sangue.

O que nós estamos tentando fazer é criar condições para que o Brasil possa, definitivamente, deixar de ser um país em vias de desenvolvimento para se transformar num país desenvolvido, definitivamente.

Por isso é que nós tomamos a decisão, na área econômica, de não inventar nenhuma daquelas coisas que, de vez em quando, se inventa no Brasil e que depois de algum tempo não dão certo e alguém fica com o prejuízo. E o povo pobre é quem fica com o prejuízo.

Nós estamos lembrando aqui o que foi o Plano Collor, o Plano Verão, o Plano Bresser. Nós estamos lembrados do que resultou o Plano Cruzado, o Plano Real. Ou seja, nós achamos que o Brasil precisa de credibilidade. O mesmo comportamento, Governador, que Vossa Excelência teve ao ser chamado, junto com o presidente da Perdigão, para saber se ia cumprir o acordo feito pelo governador Maguito Vilela. E o senhor não apenas cumpriu, como estabeleceu regras ainda maiores para que a Perdigão acontecesse.

No Brasil, nós não estamos precisando de uma invenção. Estamos precisando cumprir as nossas palavras, estabelecer uma relação de credibilidade entre a sociedade e criar as condições para o nosso país crescer definitivamente.

Para isso, nós aprovamos, com um apoio extraordinário – e o governador Marconi Perillo foi um dos baluartes nessa briga – a reforma tributária, a reforma da Previdência Social. E precisaríamos fazer, como



fizemos, a reforma da Previdência Social, para garantir que, daqui a vinte anos, os nossos filhos possam receber. Nesta semana, quando nós fomos discutir o salário mínimo, a gente não discutiu o salário mínimo, o que a gente discutiu, na verdade, foi o déficit da Previdência Social, que, hoje, é da ordem de 31 bilhões de reais e, para cada 10 reais a mais que nós déssemos ao salário mínimo, seriam mais 3 bilhões de reais, num prazo de doze meses.

Se fosse para decretar o salário mínimo para a iniciativa privada, o que aconteceria aqui, numa empresa como esta, Marconi? Esta menina – não vou dizer o seu salário – mas ela vai entrar com uma coisa um pouquinho acima de 400 reais. Isso significa que, para a iniciativa privada, a gente poderia decretar o mínimo de 400, 450, 500 reais, que a iniciativa privada não teria problemas para pagar. O problema, efetivamente, é o problema do Estado brasileiro, é o problema do rombo das contas públicas deste país, que está sufocando os estados, municípios e sufoca também o governo federal.

Mas, ao invés de ficarmos lamentando, o que nós fizemos? Mandamos para o Congresso Nacional a Lei de Falências, que, ontem, parece-me que foi aprovada na Comissão, no Senado. Mandamos o Marco Regulatório para Saneamento Básico, porque, se depender das prefeituras ou se depender do governo do estado, a gente não consegue fazer o saneamento que o Brasil precisa. Então, vamos ter que fazer parcerias. Mandamos – e está no Senado para ser votado – o PPP, o Parceria Público-Privada, que é a possibilidade de a gente construir parte das estradas, das ferrovias, das hidrovias que precisam ser construídas no Brasil. E não adianta ficar imaginando o que o estado pode fazer, porque nem as prefeituras, nem o estado e nem a União têm, hoje, poder de fogo para induzir o crescimento da economia, como acontecia na década de 50, na década de 60.

Nós, então, temos que criar essa parceria para a iniciativa privada, para que a gente possa ter a certeza de que a responsabilidade de fazer o Brasil crescer não é apenas de um prefeito, de um governador ou de um presidente.



São das políticas acertadas que, conjuntamente, conseguirmos realizar, fazendo o Congresso aprovar e executar essa legislação.

Quero dizer que sou agradecido pelo comportamento que o Congresso Nacional teve conosco até agora, porque tudo que nós mandamos foi votado. Acho que o que falta ser votado é tão importante para o crescimento da economia do Brasil quanto a questão da política de juros, que muita gente fala que é muito alto. E é alto mesmo. Mas é importante lembrar que é o mais baixo dos últimos 10 anos. Apenas para refrescar a memória dos críticos, quero lembrar que ele está alto, mas é o mais baixo dos últimos 10 anos, em se tratando de juro real.

Eu quero dizer a todos vocês, aqui, e à Direção da Perdigão, que saio daqui infinitamente mais otimista do que entrei. Saio daqui com a certeza de que para o Brasil não há retorno, nem há muito caminho tortuoso. O Brasil, hoje, tem, como nunca, respeitabilidade a nível internacional. As nossas exportações estão crescendo, ano após ano. Mas nós precisamos combinar o crescimento das nossas exportações com o crescimento do nosso mercado interno. Isso significa investimento.

É por isso que o BNDES tem mais recursos para investimentos, é por isso que o Banco do Brasil tem mais recursos para investimentos, é por isso que um estado como este, e uma região como esta, recebeu, no ano passado, 1 bilhão a mais do Fundo Constitucional, dinheiro do FAT, porque os projetos feitos aqui consumiram todo o dinheiro até o mês de junho. E este ano, só para o estado de Goiás, acho que tem por volta de 1 bilhão e 400, ou 1 bilhão e 300.

Agora, eu quero dizer ao governador e aos empresários, que não faltará dinheiro para o investimento. Se a União não tem, nós vamos ter que fazer parceria. Se não fizermos parceria com a iniciativa privada, os nossos bancos públicos têm dinheiro.

Mandamos uma lei, Marconi, para o Congresso Nacional, para liberar o sistema financeiro brasileiro a investir em habitação, coisa que era



praticamente proibida, porque nos Estados Unidos as pessoas compram casas financiadas em 30 anos ou até mais e, se a pessoa não paga, tem que devolver a casa. Aqui, no Brasil, tem situações em que a pessoa compra a casa, não paga e não a devolve. Ora, significa que ninguém quer financiar, que ninguém está disposto a colocar o seu dinheiro para financiar. E eu não estou falando das casas pequenas, financiadas pela Caixa Econômica Federal, porque essas, a Caixa já tem profissionalismo e competência para fazer. Eu estou pensando em casas de setores médios da sociedade, que podem pagar e que, muitas vezes, não podem comprar porque as da Caixa são muito pequenininhas e muito humildes e ele não tem outro tipo de financiamento.

Portanto, a lei está lá. Essa lei pode criar um fenômeno de reativação da construção civil neste país, a médio prazo. Eu não estou falando para amanhã, para depois de amanhã. Eu estou dizendo que, a médio prazo, a gente pode ter a indústria da construção civil brasileira voltando a ser a grande geradora de empregos que já foi.

No mais, aos trabalhadores, às trabalhadoras da Perdigão, à Leci e ao Adevair, que Deus abençoe todos vocês, que possa ordenar os passos de vocês e que a gente possa ver outros empregados como o Adevair, e outras meninas como a Leci, tendo oportunidade de emprego por este nosso querido país.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês. E obrigado Nildemar, obrigado governador, obrigado prefeito, obrigado Maguito Vilela, pelo convite de vir aqui, à Perdigão.

/lrj/cms/rss